



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

GLÓRIA E EXALTAÇÃO, DEGREDO E IRONIA: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O MAR DE VITÓRIAS, DE LUÍS DE CAMÕES E O MAR DA DERROTA, DE LOBO ANTUNES

Robson Andrade Cardoso¹; Tércia Costa Valverde²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: andraderobson042@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: tecoverde05@outlook.com

PALAVRAS-CHAVE: Lobo Antunes; Luís de Camões; Imaginário português.

INTRODUÇÃO

Portugal ganhou grande destaque, no período das Grandes Navegações, por ser o pioneiro entre os países europeus a se lançarem no mar, rumo as conquistas político-econômicas e a expansão do império, se consagrando como uma superpotência. Junto a esse momento de ascensão, a literatura foi um importante instrumento de autoafirmação desse passado ultramarino glorioso na mentalidade portuguesa, através d' *Os Lusíadas* (1572), o grande poema épico de Luís Vaz de Camões (1524-1580), que narra as inúmeras viagens ultramarinas dos lusitanos, neste período. Para construir esse imaginário ideal de nação, Camões coloca a sua disposição, tanto os elementos históricos das Grandes Navegações, como os elementos poéticos ficcionais.

Por outro lado, quase quatrocentos anos depois, o escritor António Lobo Antunes lança seu olhar pós-moderno, através de seu romance paródico *As Naus* (1988), sobre esse imaginário ultramarino de Portugal, desconstruindo-o. Essa revisitação crítica ao passado é feita por meio da ironia e do grotesco, satirizando e ironizando os antigos heróis portugueses que, em sua obra, ganham uma nova roupagem de anti-heróis, sendo marginalizados e carnavalizados. O que, por sua vez, representa a nova pátria portuguesa, decadente e sem o império de outrora.

Portanto, o presente trabalho discorre sobre como a literatura foi importante para a construção do imaginário ultramarino de Portugal, no século XVI e, posteriormente, foi o instrumento de desconstrução desse ideal de nação, a partir do século XX, até a contemporaneidade. Atentando-se também, para os elementos poéticos usados por ambos os autores na composição de suas respectivas obras. Para tanto, utilizamos como referencial teórico, as ideias de: Linda Hutcheon (2000; 1991), Wolfgang Kaiser (1986), Tércia Valverde (2017), e Eduardo Lourenço (1992).

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Para desenvolver esse estudo comparado, de cunho bibliográfico, nos atemos para a leitura e análise das obras literárias, a fim de compreender como Luís de Camões usa os

elementos históricos e poéticos mitológicos e cristãos para confeccionar seu poema épico; e, por outro lado, como Lobo Antunes se apropria da ironia e do grotesco para compor sua paródia analítica sobre o passado remoto português. Além disso, o mesmo processo metodológico foi feito com os textos teóricos, com a finalidade de embasar o estudo comparativo e analisar criticamente como cada um dos autores constroem sua narrativa, seja em prosa ou poema épico, por meio dos elementos poéticos literários.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A construção do imaginário ultramarino de Portugal, baseada no período das Grandes Navegações, foi firmada por Luís de Camões, em seu poema épico *Os Lusíadas*, obra de grande relevância para a nação. Ao confeccionar o real fictício em sua epopeia, o poeta trabalha com a junção do plano factual e do ficcional. Dentro do primeiro plano se enquadram os elementos históricos, que são construídos dentro do real grandioso, os feitos considerados extraordinários da nação. Esse real abrange desde o mundo material, no qual estão as batalhas, empreitadas, os acontecimentos que são observáveis, ao mundo moral, que, por sua vez, diz respeito às características psicológicas dos personagens que praticam a ação, a exemplo de: D. Afonso Henriques, D. Nuno Álvares Pereira, Egas Moniz, Martim de Freitas, Inês de Castro e outros. Por outro lado, o plano ficcional é construído no irreal mítico, onde se apresenta nas figuras de: Baco, Vênus, Jupiter, Marte, Tétis, o Velho do Rastelo, o gigante Adamastor e outros.

Nesse sentido, n' *Os Lusíadas* podemos encontrar segundo Saraiva (1950), uma comédia dos deuses, as viagens de Vasco da Gama e a História dos reis de Portugal. Logo, a importante obra é construída a partir dessa fusão de matérias tanto reais quanto ficcionais, que se destacam e se diferenciam não apenas por sua natureza, mas também pelas possibilidades de isolá-las (de serem vistos em perspectivas autônomas) em histórias outras, pois não perdem sua capacidade de produção de sentidos.

Não obstante, as presenças do Deus e da fé cristã também estão dentre os elementos ficcionais utilizados, haja vista ser a propagação da fé cristã um dos principais motivos da frota portuguesa se aventurar pelos mares. Com sua presença marcada desde a saída dos navegantes de sua pátria, o Deus cristão protege a frota dos navegadores e os ajuda a vencer as intempéries ao longo da jornada. Assim, esse Deus não age sozinho para proteger a frota, por vezes, este se irmana aos deuses da mitologia para salvar e entrar com o escape para seu povo. Contudo, Camões não somente usa o Deus cristão e os deuses da mitologia para louvar e ajudar a nação, mas na representação crítica que cada um desses elementos faz ao ser português, o Deus cristão como demonstração da força, supremacia e crença de nação divinizada, do império português, e os deuses mitológicos e figuras míticas representando a parte mais subjetiva do caráter humano, marcado pela ganância e incerteza.

Desse modo, ao usar tais elementos e escrever sua epopeia, Camões construiu toda uma misticidade nos portugueses através da figura do mar, elemento da natureza que os consagrou como uma superpotência na expansão marítima e hoje, internalizado dentro do peito português, é uma das principais marcas do sentimento saudosista da nação, do sonho utópico de presentificar o passado remoto. Assim, segundo Chevalier e Gheerbrant (2022), o mar é o símbolo do nascimento, transformação e renascimentos, é a representação tanto da vida, quanto da morte. Logo, percebe-se que Portugal se apegou

somente ao seu nascimento glorioso como grande nação, mas evita, a todo custo, se permitir passar pelo mar da transformação e do renascimento, enquanto uma nova nação que olha para seu passado com olhos diferentes.

Se de um lado o mar de *Os Lusíadas* é o fator preponderante das glórias portuguesas e do apego ao passado remoto, o mar de *As Naus* surge fazendo um retorno crítico ao passado, desconstruindo o imaginário ultramarino sob a ótica do sujeito pós-moderno. O romance *As Naus*, de António Lobo Antunes, é uma metaficção historiográfica que, segundo Linda Hutcheon (1991, p. 21), se refere àqueles “romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos”. Ou seja, o romance antuniano parodia o poema épico camoniano, fazendo um retorno crítico ao passado português, subvertendo o olhar de nação divina, predestinada apenas às glórias. Ademais, a desconstrução feita por Lobo Antunes se dá distante do conceito de destruição, visto que o movimento de retorno crítico ao passado é no sentido de analisá-lo, reavaliá-lo e não destruí-lo. Para Hutcheon (1991, 65), “a paródia não é a destruição do passado; na verdade, parodiar é sacralizar o passado e questioná-lo ao mesmo tempo. E, mais uma vez, esse é o paradoxo pós-moderno”.

Para confeccionar sua obra, o autor contemporâneo Lobo Antunes mergulha na ironia e no grotesco para aplicar sua visão crítica sobre o passado português. A ironia, para Linda Hutcheon (2000) é um modo estranho do discurso, que se estabelece na relação entre o enunciado, o texto; o destinatário, quem decide se o enunciado é irônico ou não, e os sentidos que podem ser produzidos a partir da leitura que faz; e o ironista, que, por sua vez, busca vincular a ironia entre o dito e o não dito. Em *As naus*, a ironia se presentifica na carnavalização e na desconstrução de algumas figuras históricas e literárias importantes, como: Pedro Álvares Cabral, Dom Quixote, Vasco da Gama, o próprio Luís de Camões e, outros personagens que são descaracterizados enquanto heróis e ganham uma roupagem de anti-heróis, representando não a gloriosa pátria passada, mas a nova e decadente.

O grotesco, por sua vez, está relacionado ao ato de reverter a ordem natural das coisas, que não só se distanciam do real, mas buscam “despedaçar a realidade, inventar o mais inverossímil, reunir à força coisas distintas, alhear ao existente” (Kayser, 1986, p. 135), e também pode ser apresentado na reificação do ser humano, humanização dos animais e outros seres inanimados. No referido romance, as cenas grotescas acompanham todos os personagens, em um processo de carnavalização e desconstrução da imagem heroica das figuras históricas de outrora. Dentre as inúmeras cenas grotescas, uma das mais importantes se estabelece na relação entre Luís de Camões — principal figura carnavalizada — e seu pai morto na África, que representa a pátria portuguesa. Na cena, o corpo do pai-pátria começa a mudar de forma, passa do estado sólido para o líquido, o que pode ser a representação crítica da nação se transformando no estado da matéria que tão bem a representa — o mar —, só que um líquido substancialmente diferente. Assim, como apresentado anteriormente, o mar é, ao mesmo tempo, “a imagem da vida e a imagem da morte” (Chevalier e Gheerbrant, 2022, p. 663). Então, o que antes era o estado líquido da água do mar, representação da vida, é agora o líquido fúnebre da morte, do fim do império pretérito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A partir das proposições apresentadas, torna-se importante destacar a importância da literatura na reflexão sociocultural de Portugal, que, enquanto uma nação extremamente saudosista, se apegou às glórias do seu passado, na tentativa de usar essa realidade memorialística para fugir dos seus reais problemas. Nesse sentido, ratificamos como a literatura camoniana surgiu como um elemento de construção e afirmação do ideal de nação divinizada, predestinada as glórias. No entanto, também é observável que, n'Os Lusíadas, Camões não só ajuda a construir, mas critica também os interesses e a soberba da nação por meio dos elementos poéticos ficcionais. Ademais, a literatura pós-moderna antuniana, ao lançar o olhar crítico sobre o passado remoto da nação portuguesa, contribui para pensarmos em como a literatura também pode ser usada no sentido contrário a construção, desconstruindo todo um imaginário e sonho português de retornar ao passado. O que corrobora para Portugal acordar dessa utopia e fazer esse movimento presente-passado, mas reanalisando-se criticamente para não cometer os erros de outrora, visando um futuro outro e melhor.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, António Lobo. *As naus*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- CAMÕES, L. de. *Os Lusíadas*. Organização Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1997.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 37ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.
- KAYSER, Wolfgang. *O grotesco: Configuração na pintura e na literatura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 5.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SARAIVA, António José. *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Publicações Europa – América. 1950.
- HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução Julio Jehe. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- HUTCHEON, Linda. *A poética do pós modernismo: História, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- VALVERDE, Tércia Costa. *A desconstrução da História de Portugal em As naus, de Lobo Antunes*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017.